



AS DIMENSÕES HISTÓRICAS DA URBANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA NOTURNA DO RECIFE, 1970-1990

THE HISTORICAL DIMENSIONS OF URBANITY AND THEIR IMPLICATIONS TO NIGHTLY LIFE OF RECIFE, 1970-1990

v. 8, n. 1 [12]
Jan/Abr (2016)

Artigo

Magna Barros Milfont; Circe Maria Gama Monteiro;
David Ricardo Colaço Bezerra
LATTICE; UFPE-LATTICE; UFPE
magnamilfont@yahoo.com.br; monteiro.circe@gmail.com;
davidbezerra1@yahoo.com.br

Resumo

A urbanidade é uma noção histórica construída ao longo do tempo e das reconfigurações das cidades, fundamentada, desde os gregos, no comportamento humano. Assim, há um processo histórico de transformação da urbanidade que se manifesta nas dimensões política, socioeconômica e territorial da sociedade ocidental, todas perpassadas pelas práticas culturais das pessoas. Essa dinâmica histórica da urbanidade pode ser observada na mudança da vida noturna do Recife, resultante do processo de urbanização acelerada no Brasil de 1970. Nesse contexto, iniciam-se os projetos turísticos de âmbito nacional por meio da implantação dos polos culturais nas cidades. Durante as décadas de 1980 e 1990, a incidência da violência urbana culminou em novas práticas culturais relacionadas ao lazer, modificando a urbanidade.

Palavras-chave

Urbanidade. Lazer. História.

Abstract:

The urbanity is a historical notion built during the time and many settings of the cities, based, since the greeks, in human behavior. So, exist a historical process of transformation of the urbanity that whether in political, socioeconomic and territorial dimensions of the western society, all experienced by cultural practices of the people. This historical dynamics of urbanity can be observed in change in the nightly life of Recife, resulting of accelerated urbanization process in Brasil of 1970. This context, beginning the tourism projects of national scope

through an introduction of cultural centers in cities. During the 1980 and 1990 decades, the incidence of the urban violence culminated in new cultural practices related to leisure, changing the urbanity.

Keywords

Urbanity. Leisure. History.

Introdução

Este artigo resulta da pesquisa "O Espaço contra o Crime: A Face Noturna da Cidade, Dinâmica Sócio Espacial da Criminalidade em Espaços Públicos Urbanos"¹. O objetivo do estudo é traçar um panorama do processo histórico de transformação dos modos de divertimentos, no âmbito da relação cidade e urbanidade, e suas implicações na vida noturna do Recife. Neste sentido, pretende-se compreender a dinâmica da cidade à noite, buscando períodos históricos de inflexão que marcaram transformações significativas no comportamento humano.

A problematização proposta no presente trabalho privilegia a relação da cidade com a urbanidade, inserindo a última num processo histórico de longa duração que tem início na Grécia Antiga. A urbanidade interpretada como um movimento de longa duração orientou o trabalho para a compreensão das transformações de suas dimensões históricas em determinados períodos de inflexão. Essa perspectiva de movimento possibilitou também conjecturar que as raízes gregas da urbanidade permanecem e dinamizam-se à medida que as cidades crescem.

O crescimento urbano do século XX destruiu os velhos centros de encontro e lazer, mas construiu também novas práticas culturais. O processo de urbanização de modo diferenciado no mundo ocidental desenvolvido e subdesenvolvido gerou uma forte dinâmica no comportamento das pessoas principalmente a partir da década de 1970, representando o período de inflexão escolhido.

No quadro do processo histórico, a década de 1970 é destacada por marcar significativas transformações urbanas e comportamentais que repercutiram nas décadas posteriores no mundo ocidental com consequências até hoje sentidas - as cidades tornam-se territórios de diversidade de grupos sociais que criam e, ao mesmo tempo, recriam práticas e representações culturais, numa dinâmica jamais vista na história.

¹ Pesquisa feita pelo Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD), desenvolvida na Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Apoio a Ciência do Estado de Pernambuco (FACEPE). Importante registrar o suporte do Laboratório de Técnicas e Tecnologias para a Cidade (LATTICE).

Essa metamorfose da urbanidade permite vê-la como uma noção histórica e não um conceito ou termo possível de fixar. Dizemos noção pela abrangência de seu significado e a dificuldade de mensurar os atributos envolvidos na interpretação da urbanidade, o que torna difícil se referir a ela como juízo ou medida.

A preferência de vermos a urbanidade como noção nos permite formar uma imagem que não se acha suficientemente delimitada, o que torna favorável refletir progressivamente em modos mais abertos de compreensão. Aos poucos, a noção pode ir se transformando em termo, aproximando-se do conceito e adquirir uma maior delimitação.

O presente artigo pretende mostrar a relação da cidade com a noção histórica de urbanidade, trazendo ao relevo alguns elementos que contribuíram para a transformação do comportamento noturno no referido período de inflexão. Período este realçado por mudanças econômicas, políticas e socioculturais. Essas mudanças se refletiram no discurso internacional que passou a privilegiar a esfera cultural nas políticas urbanas relacionadas ao lazer. Esse discurso cultural do lazer foi também assimilado pela empresa turística internacional e nacional. Compete ressaltar, porém, que o turismo é visto, nesse trabalho, dentro da perspectiva do lazer.

Existe um conjunto de programas de políticas públicas que foi executado na área turística do Brasil e publicado nos jornais da época, além de bibliografias² que não cabem, aqui, aprofundar. Contudo, decerto o turismo não seja nossa linha mestra, encontra-se citado o livro da socióloga Maria Cecília Londres Fonseca (2009). A obra reúne questões relacionadas ao turismo e patrimônio cultural, contendo desde as normas de Quito em 1967, as reuniões de governadores que produziram o Compromisso de Brasília em 1970 e o Compromisso de Salvador em 1971, culminando na elaboração do Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas em 1973.

O referido Programa - que tinha o objetivo de gerar infraestrutura adequada ao desenvolvimento e suporte de atividades turísticas e ao uso de bens culturais como fonte de renda para regiões carentes do Nordeste - está tratado nos projetos de intervenções urbanas do Plano Nacional de Turismo. Nas fontes primárias do Diário de Pernambuco da época, o Programa é conhecido como Plano Nacional de Turismo, tendo como exemplo uma das intervenções realizada no Pátio de São Pedro, cidade do Recife.

Os territórios trabalhados não representam estudos de casos e, por essa razão, são tomados como breves referências da decadência da vida noturna do Recife, considerando as dimensões históricas da urbanidade enquanto fenômeno mundial. Portanto, ao se falar sobre o declínio dos centros urbanos, está destacado a relação com as transformações da urbanidade

² Ver a relação da cidade com o turismo na década de 1970: referência ao Programa das Cidades Históricas nos Jornais da década de 1970: Diário de Pernambuco e Jornal do Comercio e a bibliografia dedicada à mesma relação cidade/turismo como Márcia Sant' Anna e Sandra Rafaela Magalhães Corrêa e também Maria Cecília Londres Fonseca.

que aparece em autores brasileiros como os historiadores Robert Moses Pechman e Maria Izilda Santos de Matos, além da socióloga Sevy Madureira³.

Do mesmo modo, ao se abordar o processo de transformação dos centros urbanos históricos em territórios de consumo, se faz a relação com a transformação da urbanidade, eixo temático pouco explorado na literatura internacional⁴, encontrado em poucos trabalhos como o da portuguesa Susana Helena Dias Pinto (2012).

A escolha da noite possibilitou uma melhor compreensão da urbanidade, que parece se expressar com mais vigor nos horários noturnos. À noite acontecem os encontros informais, um sentimento de nostalgia perpassa o pensamento dos boêmios, intelectuais e artistas que percorriam verdadeiras rotas ao gosto do "dândi" de Charles Baudelaire (1997). Há também o fato da vida noturna guardar forte vínculo com o lazer e com o submundo das práticas ilícitas e da violência (DARNTON, 1989).

O método histórico de investigação utilizou, além das fontes secundárias que tratam da noção de urbanidade, os documentos primários da Cidade do Recife, contendo fontes manuscritas, impressas, iconográficas e orais. Dentre as fontes pesquisadas, encontram-se diversos jornais da época, dispostos na Casa do Carnaval e no Arquivo Estadual Jordão Emereciano (APJE): Diário de Pernambuco, Diário da Noite e Jornal do Comércio.

Os jornais trazem elementos importantes: (a) anúncios que apontam os novos padrões de consumo dos grupos sociais; (b) classificados que abordam a verticalização da cidade e a especulação imobiliária das localidades da zona sul (Boa Viagem e Pina) e o crescimento dos bairros tradicionais da zona noroeste (Casa Forte, Parnamirim, Graças e Espinheiro); (c) colunas sociais que, além de mostrar o movimento noturno das famílias de maior poder aquisitivo, revelam os pontos de encontros mais procurados pela juventude; (d) notícias do fenômeno da "metropolização" ocorrida a partir da década de 1970, evidenciada nas mudanças do sistema viário urbano por meio da implantação de novos eixos, como a Avenida Agamenon Magalhães; (e) notícias das incidências de crimes noturnos e o início do aparelhamento da polícia; (f) imagens e propagandas que expressam a mudança de comportamento dos grupos sociais à noite entre as décadas de 1970-1990.

A documentação do período da ditadura militar: (a) DOPS – Departamento de Operações da Polícia Social – que ao vigiar o movimento da vida política ilegal à noite, acaba por registrá-la em seu aspecto marginal por meio dos registros de locais considerados subversivos, como os bares e pontos de encontros dos intelectuais e o controle imposto pelo Estado sobre as agremiações carnavalescas, os clubes e as festas populares dos bairros mais pobres; (b) recortes de jornais que tratam dos debates sobre a criminalidade; (c) Anuários Estatísticos.

³ No entanto, existem outros autores que tratam da decadência dos centros urbanos, sem fazer a relação com a transformação da urbanidade: Flávio Villaça e Rogério Proença Leite.

⁴ Não se faz menção a Françoise Choay ou a autores brasileiros como Rogério Proença Leite, pois não há nenhuma referência dos territórios de consumo com a transformação da urbanidade.

Utilizaram-se, também, fontes orais que trataram da memória da experiência da cultura urbana de indivíduos que frequentaram à noite do Recife, o que permitiu aproximar dois campos historiográficos – a História Cultural e a História Imediata. Desde que Jacques Le Goff (2008) reforçou os caminhos da abordagem cultural, somando-se a ela o uso da iconografia, da estatística e dos relatos orais, consolidou-se a possibilidade de se construir uma história recente ou imediata.

Os relatos orais e as fontes documentais iconográficas e escritas disponíveis da época destacaram as transformações do comportamento humano na cidade do Recife, especificamente, o dos boêmios. Os pontos de lazer, de crimes e os percursos a pé tornaram-se elementos que traduziam as transformações das experiências da vida boêmia. Os referidos pontos e linhas foram marcados em mapas da época e se tornaram instrumentos para compor uma amostragem cartográfica das práticas noturnas da boemia na cidade.

Os procedimentos de análise de dados foram elaborados por meio do sistema de catalogação, difícil de reproduzi-lo aqui. A catalogação foi realizada em forma de tabelas de um software de planilhas, contendo os dados coletados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e no Arquivo da Casa do Carnaval. Foram produzidas seis tabelas, divididas entre Crime e Lazer, conforme os anos - 1970, 1980 e 1990.

Nas tabelas estão contidas informações como o tipo do crime / nome do estabelecimento; bairro; logradouro; número do lote; fonte; mês e ano de produção da fonte. As tabelas também mostram as imagens dos estabelecimentos que foram obtidos, bem como de suas propagandas e as matérias dos crimes que foram anexadas respectivamente em forma de hiperlink, conforme os exemplos abaixo.

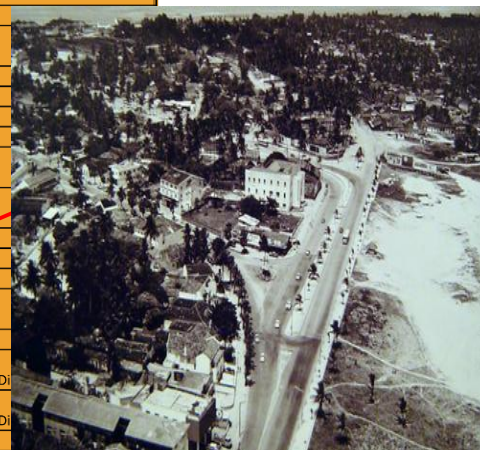
Tabela 01 - Crime 1970

Nº Mapa	Tipo	Bairro	Logradouro	Nº do lote	Fonte	Caderno
1	Assassinato	Boa Viagem	Mata-Sete		Diário de	Polícia
2	Vandalismo	Boa vista	Av. Conde da Boa Vista	44	Diário de	Sociais
3	Assassinato	Boa Viagem	Av. Conselheiro Aguiar - Conjunto residencial	1350	Diário de Pernambuco	Polícia
4	Agressão	São José	RFFSA		Diário d	
5	Tráfico de drogas	Boa Viagem	Av. Beira Mar		Diário d	
6	Agressão	Bairro do Recife	Av. Rio Branco		Diário d	
7	Assassinato	Boa Viagem	Av. Conselheiro Aguiar	73	Diário d	
8	Vandalismo	Bairro do Recife	Rua do bom Jesus	Bar Veneza	Diário d	
9	Assalto	Boa vista	visconde de goiana - drogaria caxanga	80	Diário d	
10	Vandalismo	Espinhoeiro	Rua Afonso Batista	Restaurante	Diário d	
11	Agressão	Boa Viagem	Av. Beira Mar	1292	Diário d	
12	Agressão	Bairro do Recife	Av. Rio Branco	54	Diário d	
13	Assalto	Bairro do Recife	Av. Rio Branco		Diário de	Polícia
14	Agressão	Boa vista	Av. Dantas Barreto		Diário de	Polícia
15	Agressão	Boa vista	Av. Conde da Boa Vista - Bar Mustang	44	Diário de Pernambuco	Polícia
16	Assassinato	Madalena	Rua Benfica	505	Diário de	Capa



Tabela 02 - Lazer 1970

Nº Mapa	Estabelecimento	Bairro	Logradouro	Nº lote	Fonte
1	Restaurante Trópicos	Boa Viagem	Rua Benedito Chaves	200 B	Diário de Pernambuco
2	Restaurante Alvará	Santo Antônio	Rua Floriano Peixoto	905	
3	Restaurante o Veleiro	Boa Viagem	Av. Boa Viagem	1864	
4	Cervejaria Bier Haus	Boa Vista	Rua 7 Setembro	345	Diário de Pernambuco
5	Restaurante a Moenda	Boa Viagem	Rua dos Navegantes	1417	
6	Restaurante Peteka	Espinheiro	Av. João de Barros	1500	
7	Dallas	Boa Viagem	Av. conselheiro Aguiar	333	
8	Banguê	Santo Antônio	Pátio de São Pedro		
9	Restaurante A Chaleira	São José	Praça Sergio Loreto	1034	
10	A Varanda	Madalena	Av. Eng. Abdias de Carvalho	Sede Sport	
11	Clube internacional	Madalena	Rua Benfica	505	
12	Teatro do Parque	Boa Vista	Rua do Hospício		
13	Sauna Diamantina	Boa Viagem	Av. Boa Viagem	4308	
14	Teatro Valdemar de Oliveira				
15	Bar o pasquim	São José	Rua da Concordia	842	
16	Pátio de São Pedro	Santo Antônio	Travessa de São Pedro		
17	Casa da Cultura	Santo Antônio	R. Floriano Pixoto	905	
18	Taberna Frankfut	Boa Viagem	Av. conselheiro Aguiar	4880	
19	Discoteca Number One	Boa Viagem	Av. Boa Viagem	5000	
20	Discoteca Disco 34	Boa Viagem	Av. Boa Viagem - Hotel Jangadeiro	3114	
21	Discoteca Gaslight	Boa Viagem	Rua dos Navegantes	363	
22	Discoteca Misty				
23	Discoteca Inconfidente				
24	Discoteca Happy Days	Aflitos	Av. conselheiro Rosa e Silva		club. Náutico
25	Casa Mourisca				
26	Bar e Restaurante Maxime	Pina	Av. Comendador Moraes	21	Diário de Pernambuco
27	O terraço - Antigo Cassino Americano	Pina	Av. Boa Viagem	97	Diário de Pernambuco
28	Pra Vocês	Pina	Av. Herculano Bandeira	115	
29	Restaurante Gregório	Santo Antônio	Travessa de São Pedro	48	
30	Churrascaria Pajuçara	Pina	R. Tomé Gibson - aeroclube	250	
31	FECIN	Jaqueira			
32	Restaurante Bel-Mar	pina	Av. Boa Viagem	280	
33	Restaurante Panorâmico		A.I.P.		
34	Churrascaria Imperial	São José	Rua Imperial	2210	
35	Restaurante O Falsão	Boa Vista	Rua Barão de São Borja	163	
36	Churrascaria Alvorada	Derby	Rua Amaro Bezerra	379	Diário de Pernambuco
37	Restaurante Mustang	Boa Vista	Av. Conde da Boa Vista	44	Diário de Pernambuco



A confecção das tabelas permitiu a construção dos mapeamentos por meio da identificação e classificação dos pontos de lazer e crimes em mapas temáticos gerais (1, 3 e 5). Os relatos orais dos boêmios, Artur de Carvalho e Cida Pedrosa, foram transcritos e identificados seus respectivos percursos a pé em mapas (2 e 4). As projeções em mapas dos pontos de lazer, dos crimes e das linhas dos percursos permitiram visualizar a dinâmica de transformação da urbanidade.

A noção histórica de urbanidade

As palavras urbanidade e urbano são derivadas do conceito da polis grega. A acepção de polis é tudo que pertence à vida da cidade, abrangendo “as esferas da vida espiritual e humana” (JAEGER, 2003). As expressões urbanidade e urbano significavam a mesma coisa, sendo sinônimas de culto ou educado.

A separação nítida entre a vida da cidade de Atenas, concentrada na Ágora, na pnyx e no teatro, e a do campo originou o conceito de rústico, apostado ao de urbano, que se tornou sinônimo de culto e educado (JAEGER, 2003, p. 392).

A urbanidade ou o urbano circunscreviam desde as dimensões da vida política até o entretenimento marcado pela bebida, a exaltação e o divertimento. Esse comportamento tem sua gênese na nova educação literária que se disseminava na Grécia:

a nova educação literária e sofisticada penetra nos banquetes do tempo de Eurípedes e transforma o banquete que já não era mera ocasião para a bebida, a exaltação e o divertimento, mas sim um foco da vida espiritual mais séria, ou seja, uma vida intelectualizada. Vemos aqui, em todo o seu vigor, o contraste entre a nova educação urbana e burguesa e a antiga cultura nobre baseada em grande parte na propriedade rural. Na cidade celebravam-se ainda numerosos banquetes, que eram o ponto de reunião da nova sociedade masculina (JAEGER, 2003, p. 392-393).

A urbanidade, portanto, possuía dimensões comportamentais que não podem ser ignoradas. Identificam-se, nas origens do conceito grego de urbanidade, as dimensões que compõem a experiência cidadina: (1) a vida intelectualizada, com a participação política e social; (2) a educação urbana, inerente às experiências econômicas de uma cultura marcada pelo consumo e pela diversão; (3) os banquetes, pontos de reunião da nova sociedade masculina. Essas dimensões da experiência cultural urbana dos gregos foram incorporadas pelos romanos.

Vera Rita de Mello Ferreira afirma que desde a Grécia e Roma Antigas o comportamento humano estava ligado ao processo econômico (FERREIRA, 2008). Além disso, os filósofos da antiguidade não separavam os discursos políticos, econômicos e sociais, incluindo nos atos discursivos a encenação e a plasticidade da oralidade. Assim, o comportamento humano era compreendido em todas as dimensões da vida urbana, transpassado pela arte discursiva do entretenimento.

A gênese da urbanidade relacionava-se com todas as dimensões da vida urbana, permeada pela arte do estilo de uma performance, que caracterizava o comportamento civilizado da antiguidade. Ao destacar a forma dessa urbanidade, Nobeit Elias a define como uma parede invisível de emoções, que seria construída entre as pessoas e os grupos sociais, significando o estado de quem se vê coagido diante da revisão de valores e comportamentos referentes à aparência e à imitação (ELIAS, 1990).

Para os gregos, a aparência e a imitação eram formas de encenação positiva e não significavam um modo passivo de coação aos valores e comportamentos civilizados, mas a própria arte de se expressar, dando sentido à vida (PALMER, 1969). Ou seja, os gregos percebem as dimensões históricas da urbanidade (política, socioeconômica e territorial) como experiências culturais que eram denominadas de "Paideia".

A urbanidade, então, é compreendida como noção histórica, ou seja, ela é vivida no tempo e em determinado local, onde as relações comportamentais são efetivadas por meio das

ações econômicas, políticas e sociais, buscando no âmbito do entretenimento cultural que as atravessa, as origens gregas dessa experiência. Nesse sentido, a urbanidade é uma *experiência cultural urbana* relacionada ao lazer que tem suas dimensões territoriais⁵, político-jurídicas⁶ e socioeconômicas⁷.

As incursões bárbaras, que mudaram o cenário global no início da Idade Média e a predominância do sistema feudal focado no trabalho da terra, não haviam apagado por completo as heranças greco-romanas da cultura ocidental. Conservou-se, dentro e fora dos conventos e dos feudos, um comércio baseado no escambo e mercados semanais localizados.

A partir do século XI houve um renascimento do comércio em grande escala no mediterrâneo e na Europa. O desenvolvimento do comércio implicou no crescimento do setor financeiro e na mudança da riqueza da terra para o dinheiro. Em virtude das transformações de valores e comportamentos europeus, em fins da Idade Média, ocorreu gradativamente a passagem da "courtoisie" para "civilité" (ELIAS, 1990).

Os séculos XV e XVI marcaram o desenvolvimento da cidade moderna, imprimindo um caráter civilizatório na cultura urbana. Durante o século XVII identificou-se "um arranjo peculiar do processo civilizatório (...) ao quadro de mudanças valorativas e comportamentais" nas cidades da Europa (BORREGO, 2004, p. 35). Isso se expressou nos ideais de bom vassalo e bom cristão, que envolvia uma série de questões políticas, econômicas e sociais.

A fundação de vilas e cidades na América, África e Ásia contribuíram para a propagação da civilização moderna. No continente americano as cidades mais propícias ao povoamento formaram uma economia baseada na propriedade familiar, outras se definiram como núcleos exportadores de matéria primas. Na América do Sul os núcleos exportadores foram mais expressivos.

No Brasil, a expansão territorial e o desenvolvimento de rotas de comércio, principalmente durante o século XVIII, fizeram dos núcleos urbanos localidades atrativas e com aspirações político-econômico-sociais próprias. O historiador mineiro José Moreira de Souza, ao apontar os conflitos entre a administração local do Brasil colônia e a metrópole portuguesa, afirma que todas as intrigas estavam no âmbito dos anseios pela urbanidade.

Há, neste momento, a influência do pensamento europeu na América com a valorização do comportamento racional. Concomitantemente, surgem questionamentos de mitos e religião, o que vai contribuir para dar à urbanidade uma visão crítica do próprio comportamento humano (SOUZA, 1993).

A conquista dessa nova urbanidade significava o afrouxamento dos laços de dependência política e econômica que a metrópole exercia sobre as colônias. A quebra dos

⁵ O território da cidade é compreendido como experiência urbana das práticas e representações culturais das pessoas que nela vivem, comem, bebem e andam pelas ruas ou realizam caminhos e definem percursos.

⁶ Referente às políticas públicas e às normas jurídicas associadas ao lazer e à diversão urbana.

⁷ Padrão de consumo dos grupos envolvidos no entretenimento.

laços teve início com os conflitos da administração nativa das vilas, das cidades e demais assentamentos urbanos frente ao poder metropolitano instalado.

No Brasil essas convulsões foram marcadas pelo poder político que um assentamento exercia sobre o outro, na seguinte ordem decrescente de importância – cidades, vilas, arraiais e povoados. Mais tarde, essas tensões atingiram mais territórios e se desdobraram na independência gradual do mundo colonizado.

Assim, as tensões do mundo colonial refletiam os “problemas enfrentados pelo homem em sua busca por bem estar” (FERREIRA, 2008, p. 54-55), o que contribuiu para um novo olhar sobre o comportamento humano. Essa nova visão se revelou na obra “*The Theory of Moral Sentiments*” de 1759, de Adam Smith, onde o comportamento humano se foca na moral psicológica do indivíduo, sem se dissociar das outras dimensões da urbanidade.

A propagação da cidade moderna em vários continentes restituiu, portanto, a origem grega da urbanidade e do urbano como sinônimos de um mesmo fenômeno de amplas dimensões e de caráter global. Essa afirmação aproxima-se das interpretações de Nobeit Elias ao apontar que durante o século XVIII as expressões da civilidade foram consolidadas. É possível, então, considerar que a ideia de civilidade era refletida nas ações políticas, econômicas e sociais, dando sentido à cidade moderna.

O século XIX foi marcado por uma visão utilitarista do comportamento humano, que se caracterizava por uma conduta hedonista (FERREIRA, 2008). Na esfera do pensamento político e econômico propaga-se o pensamento de maximização da utilidade, iniciada por Jeremy Bentham no século XVIII, onde o indivíduo buscava o aumento do prazer e diminuição da dor. Essa ideia foi aprofundada por John Stuart Mill no século XIX.

Em fins do século XIX, o entendimento do comportamento humano foi se desvencilhando do pensamento puramente utilitarista. Paixões, emoções, medos e inseguranças começaram a ser considerados no pensamento econômico do século XX, que via parte do comportamento humano como irracional.

A urbanidade, a representação do medo e os incentivos públicos

A violência e o medo foram elementos resultantes do processo de formação da urbanidade. A urbe era o cenário de longo processo civilizatório que trazia consigo a urbanidade e todas as suas dimensões, também carregadas de problemas históricos inerentes ao nascimento das cidades, como a falta de segurança, que passa a ser um problema global quando interfere nas trocas locais e internacionais do comércio na cidade moderna.

Era preciso um ambiente de segurança para o crescimento do comércio, das atividades culturais e do lazer. Em meio a esse imperativo surge a representação do medo e do perigo noturno, relacionados à mudança de comportamento das pessoas referente à violência, que passa a ser um problema crônico, além da tradicional oposição entre dia e noite que sempre existiu com o nascimento das cidades.

Na antiguidade o dia era visto de forma positiva e a noite de forma negativa. Na Idade Média essa oposição era interpretada como o trabalho diurno e o pecado noturno. Tais visões se perpetuaram, em algum grau, no mundo capitalista industrializado – trabalho-ócio (MATOS, 2007). A vida noturna parece sempre transgressora, o “submundo das letras” estava protegido pelo véu da diversão noturna (DARNTON, 1989). Esse submundo vai aos poucos sendo transformado e representado em magia e romantismo a partir do século XIX.

A glamorização do prazer e a prática da diversão noturna, que atingiram ápices na primeira metade do século XX, sofreram mudanças com a mercantilização da noite e do entretenimento, principalmente, na década de 1970. Nesta década, as alterações de comportamento da sociedade tanto à noite quanto nas atividades de lazer e diversão diurnas, ampliaram o mercado do lazer.

O comportamento das pessoas reflete o comportamento de uma economia (MANKIW, 2001). Essa afirmação vislumbra tanto a importância das ações livres no mercado, que através de incentivos vão tender a um equilíbrio, quanto à complexidade do comportamento humano, que leva à imprevisibilidade, o que gera incertezas e crises cíclicas da economia global.

O economista Arthur Cecil Pigou, em fins do século XIX, identificou nos efeitos da livre ação das forças de mercado, os benefícios e os prejuízos indiretos resultantes das atividades econômicas. Tais benefícios e prejuízos são denominados de externalidades, que podem ser positivas ou negativas, não existindo um sistema de precificação para elas; isso deve ser reparado por meio de políticas públicas. O objetivo de Pigou era avaliar de que forma as políticas públicas poderiam atuar sobre aquelas externalidades, visando distribuí-las de uma forma mais equitativa. Ele acreditava que uma distribuição de renda menos desigual estava diretamente relacionada à maximização do bem-estar geral⁸ (PIGOU, 1944).

A visão pigouviana ainda hoje se aplica aos estudos econômicos e mostra a importância dos incentivos públicos, acrescentando-se que as mesmas políticas podem alterar os incentivos e provocar mudanças nos hábitos das pessoas. Contudo, essa visão tende para uma ótica mais empírica e menos psicológica, tornando difícil avaliar o comportamento humano que pode ser alterado às vezes por políticas públicas que têm impactos não tão óbvios.

⁸A convicção de que existiam diferenças entre os custos e benefícios privados e sociais fez Pigou formular um conceito que ficou conhecido como “*taxa pigouviana*”. Nessa análise constatou-se que os custos marginais da produção de um bem ou serviço poderiam ser diferentes para o produtor e para a sociedade. Isso remete ao conceito de externalidade, que é o efeito externo da produção de um bem; podendo tal efeito ser positivo ou negativo. Conforme o pensamento pigouviano existe três situações: a) Quando não há externalidades. Neste caso, a economia encontra-se em uma situação de equilíbrio, em que os custos marginais privados maximizam o lucro do produtor e a utilidade do consumidor, maximizando o bem-estar da sociedade; b) Quando há externalidades negativas. Neste caso, a taxa pigouviana teria a função de igualar os custos marginais privados e sociais; c) Quando há externalidades positivas. Neste caso, a taxa pigouviana teria a função de igualar os benefícios marginais privados e sociais.

A complexidade do comportamento humano alimentou as ideias de outro economista, o inglês John Maynard Keynes. O cenário da depressão global de 1929 colaborou para elevar a teoria de Keynes como grande alternativa para as explicações dos fenômenos econômicos. Ele destaca dois elementos do comportamento humano importantes para a economia – a propensão a consumir e o investimento.

A propensão a consumir depende principalmente de fatores culturais, da distribuição de renda e do sistema tributário. O investimento depende, em parte, das perspectivas da demanda futura, que é incerta. Assim, Keynes mostra que o comportamento humano é condicionado também pela irracionalidade de fatores psicológicos que respondem às políticas executadas pelas autoridades e interferem na economia global. Um exemplo é a política de controle das taxas de juros que deve seguir um aparente equilíbrio, assim como a elaboração de políticas públicas que orientem e incentivem os investimentos,⁹ principalmente para gerar o emprego (DILLARD,1989).

As visões pigouviana e keynesiana apontam para incentivos públicos como um modo de interferir no comportamento humano, fornecendo, ambas, instrumentos para o pensamento econômico do pós-segunda guerra mundial. A interferência dos governos cresce significativamente na economia e na modernização das cidades. Um exemplo disto é o que ocorreu a partir da década de 1970, com o declínio global dos centros históricos das cidades, devido à ação expressiva de políticas urbanas.

Um estudo atual sobre “Economia Noturna e as Dinâmicas Recentes no Centro Histórico da Cidade do Porto” aponta as transformações ocorridas na cidade do Porto e nos principais centros das cidades europeias e toma como referência as cidades britânicas, onde esse fenômeno foi mais expressivo (PINTO, 2012). A autora destaca o declínio dos centros urbanos britânicos mais acentuadamente a partir da década de 70.

resultante da combinação de uma intensa competitividade derivada da descentralização de centros comerciais e escritórios, de um crescimento econômico estável, do aumento de aquisição de automóveis, da melhoria das infraestruturas urbanas, da suburbanização das classes médias e do aumento do lazer privado (PINTO, 2012, p. 12-13).

O centro das cidades britânicas foi ocupado por famílias de menor poder aquisitivo e por minorias étnicas. Essa transformação foi acompanhada pela degradação física, o que contribuiu para a diminuição da atratividade do local, abandono dos edifícios, comércio de menor qualidade. Essas mudanças, iniciadas a partir da década de 1970, prosseguiram nas décadas seguintes, tendo impactos profundos nas cidades (PINTO, 2012).

No Brasil esse fenômeno foi semelhante, embora num contexto diferente, as cidades brasileiras padeciam dos efeitos da urbanização extensiva (MONTE-MÓR, 2006), que já

⁹ Os investimentos nos quais se refere à teoria de Keynes são os investimentos reais, ou seja, em capital físico.

carregava os problemas das desigualdades sociais. As progressivas intervenções urbanas e decisões políticas realizadas pelo poder público na esfera dos planos turísticos e entretenimentos entre as décadas de 1970-1990 alteraram o comportamento noturno e diurno das cidades.

O discurso internacional das políticas urbanas, que antes da década de 1970 tinha uma base predominantemente social, mudou para outra que privilegiava a esfera cultural:

a tônica das políticas para os centros das cidades se alterou, passando de questões mais ligadas ao social para questões mais ligadas à cultura, cuja parte inerente pode ser considerada a economia noturna (PINTO, 2012, p. 12).

A mudança no comportamento das pessoas em uma cidade pode fornecer referenciais para construir uma nova noção de urbanidade centrada no lazer. Assim, o território de consumo é definido, sendo estabelecido certo padrão de entretenimento. É através desse entendimento que as políticas públicas devem contribuir:

para a regeneração dos centros urbanos, tema bastante em voga nas políticas urbanas, também revela a importância do estudo deste tema, principalmente pelo contexto atual de uma nova vivência da urbanidade, centrada no lazer, bastante marcada pelo consumismo (...)(PINTO, 2012, p. 13).

As políticas públicas, durante a década de 1970, estão associadas à transformação da urbanidade em uma das mais concretas de suas dimensões, a territorial. A partir dessa transformação, outras dimensões também passaram por interferências, o que resulta na mudança de comportamento das pessoas em relação às experiências urbanas, como o prazer de conhecer os locais, comer, beber e andar pelas ruas.

Esse novo comportamento tem consequências negativas e positivas. Dentre os aspectos positivos é possível destacar a reinvenção de novas experiências por meio das tecnologias de informação, que promovem encontros e reestabelecem formas de viver a cidade. Mas, quando a mudança de comportamento incide sobre o distanciamento entre as pessoas em relação às experiências urbanas, principalmente em relação à memória da localidade, o efeito disso é negativo.

O lado negativo da experiência urbana ficou evidente à medida que as pessoas passaram a não identificar-se mais com determinadas localidades, principalmente à noite, por estarem abandonadas, sem assistência ou incentivos do poder público. Propaga-se, então, a representação do medo na rua, principalmente o relacionado ao lazer a partir da década de 1970.

A Mercantilização da Urbanidade

A década de 1970 representou um período emblemático – a época das “novidades” detentora de uma estética visual inovadora e de uma cultura marginal que, traduzida na música, ia do punk ao Rock. No âmbito dessa cultura marginal uma série de manifestações

mundiais próprias dos anos 70: o processo de descolonização de colônias africanas, a luta pela emancipação das mulheres, a luta pelos direitos civis dos negros e a contracultura nos Estados Unidos.

A célebre frase do artista Hélio Oiticica, "seja marginal, seja herói" traduz esse momento também no Brasil, onde a marginalidade política dos heróis contra a ditadura militar se guardava na vida de muitas cidades.¹⁰

Esse comportamento marginal foi também marcado pelo momento político vigente na América Latina, e era transpassado pelo ativismo político mundial de alguns segmentos sociais que emergiam – as mulheres ativistas e os homossexuais. A participação desses grupos na vida política, artística e cultural gerou uma nova dinâmica nas cidades, demarcando territórios urbanos em pontos de bares, restaurantes e cafés. Na cidade de São Paulo, localidades de velhos encontros se firmavam:

Na Praça Júlio Mesquita havia o Cine Oásis, o maior cinema da área, que exibia sessões corridas até as quatro da madrugada. No entorno se encontravam casas de jogos clandestinas, com apostas variadas e ardilosas, incluindo a presença de prostitutas e homossexuais. Gradativamente, essas atividades se expandem para o Largo do Arouche e a Rua Amaral Gurgel, Bento de Freitas passando pela Alameda Nothman, constituindo a Boca do Lixo (MATOS, 2007, p. 104-105).

A mudança de comportamento era visível nas cidades brasileiras. Era um momento também da desmedida especulação imobiliária que resultou no crescimento desordenado dos bairros e das periferias, no esvaziamento dos centros urbanos, na ausência de uma infraestrutura higiênica básica urbana e na falta de segurança pública.

A poesia da noite das cidades brasileiras escrita por sambistas, poetas e escritores, frequentadores da vida noturna da época, revela um traço que acontecia a partir da década de 1970: a marginalidade que a noite oferecia. "De briga, de ódio ou de tédio" em seguida "de amor, de veneno ou remédio" (NOGUEIRA & TAPAJÓS, 1979) a noite era, sobretudo, perturbadora e nem tanto saudosa como nas décadas anteriores, mas desejada pela permissividade de sentimentos transgressores:

nos anos 70 a corrosão dos vínculos na cidade parece oxidar cada vez mais os elos da corrente que ligam as pessoas numa certa experiência coletiva, mas ainda assim a cidade está lá (PECHMAN, 2007, p. 33).

O historiador Robert Pechman (2007) afirma que apesar das transformações que estão em curso durante os anos 70, a cidade ainda expressava "certa experiência coletiva". Portanto, fazendo alusão aos versos da poesia de Nogueira e Tapajós, a cidade não deixava de ser

¹⁰ O conceito de marginal diz respeito à pessoa que vive à margem da sociedade ou da lei, e, em geral, envolve o vagabundo, o mendigo ou delinquente (FERREIRA, 1998). Contudo, a partir da década de 1970, a imagem do vagabundo que perambulava pelas ruas misturava-se a dos punks, dos boêmios e dos ativistas políticos que frequentavam a noite. Assim, o sentido heróico da marginalidade era o mais evocado pela época e a diversão da vida noturna o impregnava de um caráter lúdico.

bonita, ainda “cheira a rosa” dos poetas de outrora, mas em seu contraste, ela era “dama de negro” (NOGUEIRA & TAPAJÓS, 1979).

A ideia de obscuridade da cidade perdura nas décadas seguintes, produzindo representações de medo da noite e da rua, afetando a urbanidade. A urbanidade consiste em experiências¹¹ individuais e coletivas de determinadas práticas¹² e representações culturais realizadas por diversos grupos sociais em locais da cidade, definindo territórios de experimentações urbanas duradouras.

A experiência urbana cultural tem dimensões que abarcam questões político-jurídicas, socioeconômicas e territoriais relacionadas à cidade. Mas, é o território das práticas culturais que fundamenta e perpassa todas as dimensões da urbanidade e é formado espontaneamente por uma diversidade de grupos que criam identidade, tradição em determinado local por um longo tempo.

É possível também aproximar-se da interpretação de território da escritora Eugênia Menezes no trabalho da socióloga Sevy Madureira ao destacar o espaço, os atores e suas ações como elementos definidores de um território: “um chão, os pés que o pisam e as relações que se estabelecem, definidoras de um território” (MADUREIRA, 1996, p.XIV). Esse território suporta mudanças ao longo do tempo e gera novas práticas e representações.

As novas práticas e representações produzirão novos territórios e outra urbanidade. A perda da dimensão territorial de determinada prática cultural pode se expressar na paulatina ausência do encontro das pessoas que frequentavam as ruas, as praças, os bares e demais estabelecimentos de diversão. Assim, a noção de territorialidade é observada em sintonia com o cotidiano da cidade, ou seja,

destaca-se a noção de territorialidade, identificando o espaço em conformidade com experiências individuais e coletivas, em que a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que, além de sua existência material, são codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos

¹¹ Segundo o Historiador Social E. P. Thompson (1991), as experiências não devem ser vistas só nas perspectivas clássicas dos campos político e econômico da historiografia, mas também na visão do campo cultural. Desse modo, focalizamos no âmbito da história cultural, as permanências e as transformações das tradições dos grupos sociais que construíram suas relações simbólicas, em uma determinada época e local.

¹² O que se entende por “práticas” tornou-se um dos pilares da noção de história cultural que, segundo Buker (2005, p. 78), “é um dos paradigmas”. O historiador Roger Chartier (1990) elaborou as noções de práticas e representações como fenômenos que se complementam num horizonte circular de trocas culturais. Assim, tanto os elementos da morfologia da cidade seriam produzidos entre práticas e representações, como os sujeitos produtores e receptores desses elementos circulariam entre estes dois pontos. A ideia do horizonte circular de trocas interativas entre as referidas noções é pertinente para compreensão da cultura da cidade noturna e sua relação com a violência. Essa relação já pertence ao senso comum como a persistência da representação do perigo noturno. Esse perigo noturno tanto pode manifestar-se em áreas espaciais desérticas que são movimentadas apenas durante o dia, como também em espaços movimentados. Contudo, o crescimento da economia noturna das cidades alimentou o interesse pelas tradições (turismo cultural).

processos de *territorialização, desterritorialização e reterritorialização* (MATOS, 2007, p.26, grifo nosso).

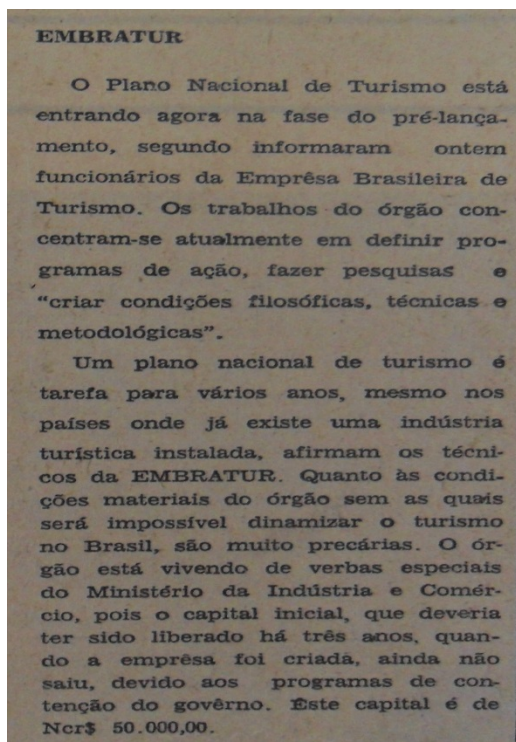
A década de 1970 revela a dinâmica do comportamento humano no interior desses múltiplos processos, identificando o momento inicial em que as cidades brasileiras passam pelo fenômeno da "desterritorialização" (PECHMAN, 2007).¹³ A cidade do Recife se insere neste contexto, com o deslocamento de parte do lazer para áreas novas da Zona Sul e áreas nobres e suburbanas da Zona Noroeste.

O centro da cidade sentiu o processo de desterritorialização, que coincidiu com o descobrimento de uma cultura suburbana dos bairros pobres, ignorada pela sociedade da época. A cultura de bairros como Casa amarela, Bomba do Hemetério e outros se expressava através das feiras de artesanato, das comidas e bebidas típicas dos bares, das danças e do folclore. Essas manifestações foram, de certo modo, cooptadas pelos interesses do poder governamental, que tinham objetivos estratégicos para o planejamento de uma economia turística.

As cidades litorâneas do nordeste eram alvos das políticas desenvolvidas pela EMBRATUR (Empresa brasileira de Turismo). Nesta época iniciava-se o pré-lançamento do "Plano Nacional de Turismo"¹⁴ destacado na matéria do jornal Diário de Pernambuco, escrita pelo colunista Samir Abou Hana (sexta-feira, 09 de Janeiro de 1970):

¹³ A ideia do "desterritório" foi observada durante a pesquisa, constatando-se que a urbanidade parece perder vigor com o crescimento desordenado das cidades brasileiras. O território da cidade como experiência urbana das práticas culturais é, aos poucos, transformado pela crescente representação do perigo noturno com a incidência dos crimes a partir da década de 1970. Durante os debates, as reuniões e as leituras da literatura no LATTICE e o confronto com as fontes da pesquisa histórica foi possível ver o desgaste de uma das principais dimensões da urbanidade – o território urbano como experiência das práticas culturais. Desse modo, houve aproximação com a construção da "desterritorialidade" desenvolvida pelo historiador Robert Moses Pechman (2007).

¹⁴ O Plano Nacional de Turismo desdobrou-se no Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas de 1973, por solicitação do ministro da Educação e Cultura, e com a participação dos Ministérios do Planejamento, do Interior (através da Sudene), e da Indústria e Comércio (através da Embratur).



EMBRATUR, sexta-feira, 09 de Janeiro de 1970, Diário de Pernambuco.

A notícia mostra a importância do turismo no Brasil e em outros países do mundo. As cidades nordestinas eram vistas com elevado potencial, principalmente pelas manifestações do folclore e do artesanato. Outros órgãos federais também foram responsáveis pela construção da ideia da indústria turística. O pernambucano Aloísio Magalhães foi atuante construtor dessa visão mercadológica da cultura brasileira, desde a sua colaboração na fundação do Centro Nacional de Referência cultural (CNRC), em 1975, até a sua direção geral do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1979 (FONSECA, 2009).

Era pensado um modelo de cultura ampla, que incluísse as manifestações populares, associado ao desenvolvimento econômico e compatível com os diferentes contextos culturais brasileiros. Essa visão tinha aproximação com as concepções da UNESCO, embora entrasse em confronto com a ideologia desenvolvimentista da década de 1970.

A crise internacional do petróleo e o esvaziamento gradual das funções regulatórias do Estado aprofundaram as distorções na economia brasileira do pós-milagre econômico, contribuindo para reforçar o discurso cultural associado ao desenvolvimento econômico defendido por Aloísio Magalhães:

Tratava-se de revelar um interesse até então não percebido: sua capacidade de gerar valor econômico e de apresentar alternativas apropriadas ao desenvolvimento brasileiro (FONSECA, 2009, p. 151).

O novo discurso cultural brasileiro da década de 1970, aprofundado nas décadas seguintes, ajudou a preparar as cidades para receber o turista. A notícia do caderno do jornal

Diário da Noite mostra a atuação do governo federal como agente idealizador e o principal mobilizador das ações da indústria turística:



Turismo, Recife, Quinta Feira, 1 de janeiro de 1970, n.04. Diário da Noite.

O Plano Nacional de Turismo seria o guia para o mercado turístico que se inaugurava. A intensão era assegurar para o Brasil o comando internacional da empresa turística na América Latina, na época liderada pela Argentina. O Brasil necessitava, como indica a referida fonte, de "organização e adequação de uma estrutura para o turismo internacional" e para alcançar tal feito, dois elementos previstos no Plano Nacional eram fundamentais: (a) gerar uma "mentalidade turística"; (b) criar uma "integração total".

A mentalidade turística se referia à implantação de um sistema que obedeceria "sérios esquemas de organização e métodos rígidos". Esse sistema consistia desde a construção de uma estrutura física adequada para receber os turistas, até a formação de campanhas nas escolas e universidades. Já a integração total se dirigia para uma "filosofia de integração turística nacional", que significava medir esforços para "integração e harmonização dos serviços básicos, que compreendem transportes, agenciamento de viagens, hotelarias, comércio turístico e serviços anexos".

A integração turística nacional seria encabeçada pelos órgãos oficiais do serviço público na adoção de planos integrados, concessão de incentivos fiscais, assistência e informação turística, promoção e programação, manutenção de facilidades cambiais e um serviço de fiscalização alfandegária. Há, ainda, os chamados "mandamentos" do turismo que, segundo o plano, deveriam guiar a população por meio do lema "o povo deve ser bom, alegre e acima de tudo hospitaleiro, por formação e vocação".

No Recife, o discurso oficial, reforçado pelas ações dos órgãos governamentais, contribuiu para a transformação das áreas centrais. O pátio de São Pedro, por exemplo, onde se encontravam boêmios, passava a dividir espaço com números cada vez maiores de turistas, o que contribuía para alargar os usos da localidade com a presença de lojas de artesanatos.

Vários eventos eram promovidos pela prefeitura e pela EMETUR – Empresa Estadual de Turismo – para dar prosseguimento ao projeto de transformar o pátio em centro permanente de turismo como mostra o Diário de Pernambuco:



(a) (b)

Inauguração do Pátio, Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno Domingo, 18 de janeiro de 1970, p.28 (a). Pátio de São Pedro, década de 1970, Arquivo da Casa do Carnaval, Recife, Pernambuco (b).

O município transformou o pátio em centro turístico internacional e o primeiro passo foi expulsar os comerciantes locais por meio de uma decisão judicial, como está descrito no documento acima. A decisão da justiça deu ganho de causa à prefeitura e os comerciantes foram indenizados.

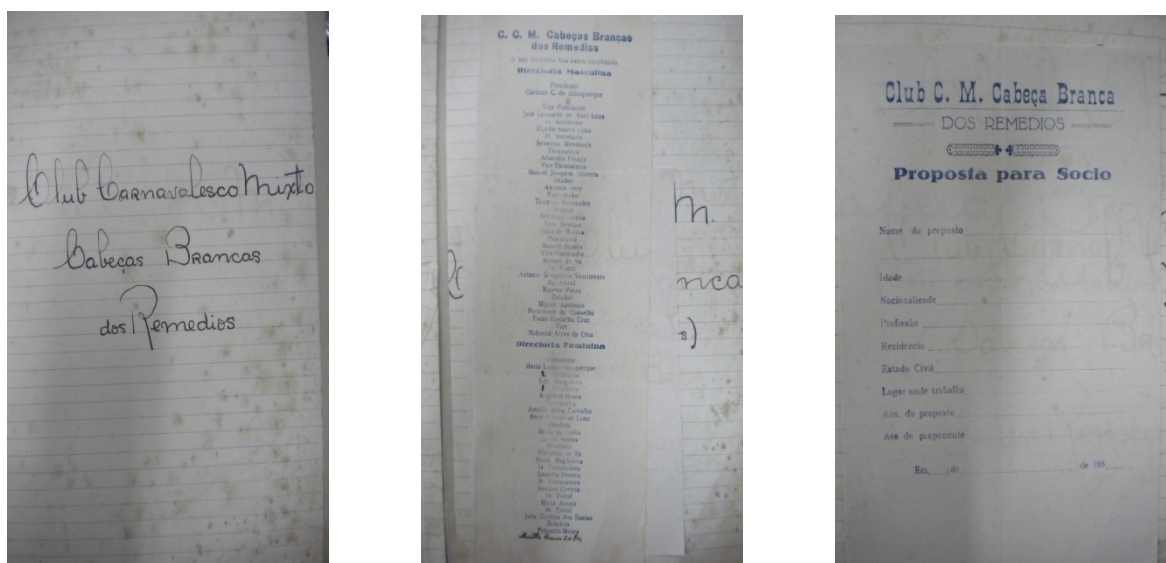
A expulsão dos comerciantes deu vazão a ações da prefeitura sintonizadas com uma mentalidade turística e a integração de um conjunto de medidas econômicas e urbanas previstos pelo Plano Nacional de Turismo.

A EMETUR tinha dois imóveis ocupados no Pátio de São Pedro em caráter definitivo que consistia numa galeria e uma lojinha de artesanato da Artene. Além disso, havia um membro da empresa estatal de turismo, Sr. Pedro Ramos Pedrosa, que era uma espécie de “cuidador” do pátio. Esse domínio refletia-se em manipulação e promoção de festas na localidade:

O Pátio de S. Pedro, este ano, findo o período exclusivamente carnavalesco, terá uma série de promoções a serem realizadas pela EMETUR, consagrando um intento de motivar ao turista, um centro permanente de atrações, onde possa ser visto e conhecido o potencial cultural, artístico, folclórico e popular do Recife” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Primeiro Caderno Domingo, 18 de janeiro de 1970, p. 28).

O Pátio de São Pedro, que possuía vida noturna e comércio tradicionais, sofria um processo de desterritorialização, semelhante àquele observado por Pechman (2007) e Matos (2007). Ou seja, os antigos usos e a função essencial do pátio como foco de lazer noturno espontâneo vão paulatinamente perdendo vigor. Contudo, vai se dando “prosseguimento”, como nas palavras da época, a uma reterritorialidade do pátio através das intervenções governamentais com a inauguração de equipamentos logísticos e culturais, como as sedes de agremiações carnavalescas.

Tais agremiações foram alvos de intervenção militar, como mostra a documentação do DOPS – Departamento Oficial da Polícia Social – sobre o controle da diversão diurna e noturna.



Ficha Policial do Clube Carnavalesco Mixto Cabeças Brancas dos Remédios, Recife, 1967. Documentação do DOPS – Departamento de Polícia Social – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

A desterritorialização das tradicionais localidades de lazer das cidades brasileiras culminaria, nas décadas seguintes, no vazio das experiências urbanas do passado. Contudo, a primeira década do século XXI é marcada pelo domínio das tecnologias de informação que são amplamente utilizadas também para experiência urbana da população.

A simples localização por satélite pelos celulares, até a identificação e a formação dos locais de socialização por meio das redes sociais, gera novas experiências culturais urbanas, que recriam novas territorialidades, num círculo contínuo de mudanças comportamentais – território, desterritório, reterritório - afetando as dimensões político-jurídicas e socioeconômicas da urbanidade.

A dimensão político-jurídica é constituída pelas normas legais, que envolvem os territórios da cidade, e pelo reconhecimento das práticas culturais locais pelas autoridades políticas e setor privado. Se há mudanças das práticas culturais como inatividades de festas

religiosas, bares e outras manifestações típicas ou deslocamento de entretenimento para outras localidades, surgem novas regras e normas para regulação dessas atividades.

A escritora Sevy Madureira observa um fenômeno de "metropolização" das cidades numa escala mundial a partir da década de 1970 e acrescenta, além do aparecimento de "novos polos urbanos periféricos" nas velhas cidades, a introdução de "novos conceitos de uso do solo urbano e do aperfeiçoamento do sistema de transportes", o que segundo a autora,

motivou a deflagração de iniciativas de reabilitação e revitalização destas áreas no mundo inteiro, no sentido, inclusive, do aproveitamento da infra-estrutura urbana instalada e ociosa (MADUREIRA, 1996, p. 63).

As novas localidades modificaram a prática cultural boêmia dos centros históricos, provocando transformações na dimensão socioeconômica da urbanidade, no que se refere ao lazer¹⁵ de grupos tradicionais. Longe das classificações sociológicas institucionalizadas por um lazer determinado, com metas estabelecidas, o lazer deve incluir:

(...) fenômenos que *aproximam grupos sociais em um mesmo espaço*, com objetivos semelhantes, e os fatores que impulsionam pessoas ou grupos a estas práticas (MADUREIRA, 1996, p. 40, grifo nosso).

O centro da cidade se tornava, nas palavras de Sevy Madureira, "uma espécie de periferia central e encarado pela população da cidade como uma *área marginal* sob todos os aspectos" (MADUREIRA, 1996, p.68, grifo nosso).

As décadas seguintes a de 1970 serão marcadas pela perda da marginalidade heróica, a culminância do lazer como mercadoria e a disseminação da marginalidade urbana criminal. Assim, surgem novas práticas culturais da população e novas representações do perigo noturno, do medo da rua, o que denota novos padrões de crimes, de consumo e de entretenimento.

Mapeando os elementos da urbanidade

As pessoas respondem a incentivos e tomam decisões de frequentar ou não certos locais comparando custos e benefícios. Assim, os efeitos das políticas públicas se tornam fundamentais para entender o comportamento das pessoas.

Desse modo, é possível avaliar alguns elementos norteadores da urbanidade por meio dos efeitos das políticas públicas (dimensão política) que podem contribuir para estimular as experiências urbanas relacionadas ao consumo do entretenimento (dimensão socioeconômica).

¹⁵ Sobre o conceito de lazer destacamos a referência construída por Sevy Madureira ao demonstrar a fragilidade sociológica do conceito que se prende a um lazer "institucionalizado, que obedece a critérios para o seu desfrute e a regras para sua vivência, ou seja, é um lazer determinado, com metas pré-estabelecidas (...). A boemia, entendida como uma opção de lazer quebra essa estrutura formal, pois permite visualizar como determinação individual a busca do momento socializado ou indivisível do prazer (...)" (Madureira, 1996, p.40-66).

Ambas as dimensões estão ligadas às localidades de lazer (dimensão territorial) que foram investigadas durante a pesquisa.

As transformações dos elementos da urbanidade verificadas através da variação, principalmente dos pontos do lazer ao longo das décadas, estavam relacionadas às experiências urbanas do deslocamento do lugar de origem para o lugar de destino.

O território cultural é escolhido pelo grupo que lhe atribui qualidades físicas diferenciadas; já a mobilidade é uma qualidade física comum ao território cultural, quaisquer que sejam os grupos de lazer. As pessoas buscam se mover pela cidade fazendo e refazendo trajetórias de diversão com diferentes formas de mobilidade: percursos a pé, rotas ciclísticas, automóveis, transporte coletivo e barcos.

O modo boêmio de sentir as experiências, principalmente até a década de 1970, se dava através de rotas a pé. O percurso a pé é referente a uma ação estruturada beneficiando o meio envolvente, tendo como objetivo a valorização e articulação de várias componentes da localidade, criando uma relação mais estreita com o homem (OLIVEIRA, 2006).

Através dos percursos, as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam pelos caminhos ou pelas rotas registradas ou guardadas na memória (MOUTINHO, 2007). O percurso a pé é um tipo de mobilidade que confere uma experiência mais direta com a cidade, promovendo uma forma de lazer que reflete também a segurança da localidade.

Os percursos a pé constituíram importante elemento de qualidade urbana que pode ser conferida pelas rotas realizadas em mapas pela boemia recifense. Constatou-se a diminuição desses percursos ao longo das décadas devido à incidência dos crimes e o uso crescente dos automóveis. As intervenções de políticas públicas dos governos voltadas para o turismo, como a descentralização do lazer, com a criação dos polos culturais em todo o estado de Pernambuco, contribuíram também para a diminuição do lazer a pé.

As entrevistas relatadas revelaram essas transformações, o que mostra que a memória também se enraíza no concreto, no espaço, na imagem, no objeto (NORA, 1993). Os depoimentos mostraram que a compreensão das práticas e das representações culturais dos grupos está sempre associada às descrições físicas de determinada localidade. Estas descrições se caracterizaram pela história local dos bares, dos percursos dos boêmios e da representação do perigo noturno, além de um conjunto de valores individuais e coletivos identificados nos fragmentos das memórias dos entrevistados que eram representativos de determinadas décadas.

Os depoimentos orais sempre extrapolam o tema pesquisado, mesmo que o pesquisador induza o entrevistado no sentido de orientar as questões. Isto acontece porque a memória, por ser associativa e relacional, faz com que surjam lembranças variadas, de contextos amplos, ambientes e espaços, objetos, sentimentos e acontecimentos associados ao tema central (FERNANDES, 1997). Neste sentido, as entrevistas são sempre orientadas pela

indução por meio de perguntas e conversas informais,¹⁶ segundo as possibilidades oferecidas por cada grupo focado. Na temática da vida noturna e da representação do perigo noturno foi possível introduzir as imagens e os mapas das décadas pesquisadas, facilitando o envolvimento do entrevistado.

As entrevistas partiram de questionamentos centrais que foram obtidos durante a pesquisa das fontes secundárias e primárias. Existe reminiscência das antigas práticas culturais e representações da vida noturna em determinadas regiões centrais e adjacências da cidade do Recife? As antigas práticas culturais ainda podem ser registradas hoje na memória dos intelectuais, dos boêmios, dos estudantes e moradores das localidades? Quais são as novas práticas e representações hoje para os grupos em questão? Até que ponto os relatos orais podem nos aproximar das práticas e representações do passado e refletir como as representações atuais da cidade noturna podem remodelar a memória?

A partir dessas interrogações foi possível elaborar questões para gravar e filmar os depoimentos, que foram transcritos em base digital, o que possibilitou a formação de uma amostra de elementos relacionados às práticas da vida noturna e a representação do perigo noturno de um grupo específico de boêmios. Os relatos dos frequentadores da noite revelaram que a história da cidade noturna permanece viva em diferentes sentidos na memória e identidade das pessoas.

Os entrevistados tem certa homogeneidade social, apesar das diferenças de época e gênero. Eles relataram suas experiências inseridas num contexto histórico de uma determinada década. As entrevistas incluíram poetas, políticos, comunicadores, artistas, técnicos e intelectuais, a saber, o turismólogo José Olímpio Bonald Neto, a técnica urbana Jupaira Aguiar, o político Gustavo Krause, a poeta e escritora Cida Pedrosa, o empresário da noite André Araújo, o comunicador Roger de Renor, o advogado Athur Carvalho, o radialista Eutropio Édipo e a socióloga e escritora Sevy Madureira.

Os relatos dos integrantes dos grupos ressaltaram não apenas alguns traços culturais marcantes de uma época, mas o mapeamento particular da experiência cultural da cidade. Emergindo uma memória visual de cada década vivida por esses indivíduos, o que enriqueceu o método oral tradicional de coleta de dados.

¹⁶ A técnica da informalidade da obtenção do registro oral entre os grupos focais das décadas foi utilizada pelo LATTICE. A técnica se centrou nas imagens e mapas históricos, diferenciando-se do questionário formal e seco, o que resultou na desinibição e reações positivas dos entrevistados. Foi necessário esclarecer alguns dados pessoais dos entrevistados e as variáveis centrais: local de moradia e localidade de destino noturno. O critério para o registro das informações realizou-se por meio de conversas informais e de perguntas sobre a vida noturna do depoente. Foi utilizado o gravador e a imagem filmada com consentimento do envolvido, levando o mesmo a rememorar os fatos por meio de palavras chaves de apreensão comum ao seu cotidiano: personagens da noite, essência da noite, práticas culturais (conversar, lazer, comer, beber, andar à noite e etc), perigo noturno.

O mapeamento resultante da pesquisa está descrita abaixo, revelando o levantamento dos pontos de diversão noturna e de crimes relacionados com a vida na noite. Os círculos azuis fazem referência aos locais de lazer da noite e os vermelhos se referem aos crimes.

1. Mapeamento da Década de 1970

O Mapa 1 é da região metropolitana do Recife e foi produzido a partir do mapa de 1965 concedido pela Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco – FIDEM.



Mapa 1

FREIRE, Flávia (Bolsista PIBIC/UFPR/CNPq - id do projeto 11063401, LATTICE), FIDEM, 1965.

Este mapa apresenta dados da década de 1970, com 49 pontos noturnos de lazer e 16 de crimes. Em Boa Viagem existe uma concentração de pontos de lazer, mas datada do final da década de 70, o que denota o crescimento do bairro como uma nova territorialidade de lazer.

A finalização da abertura da Avenida Agamenon Magalhães em fins de 1970 ligando a Zona Norte, a parte central e a Zona Sul da cidade, trouxe consigo um conjunto de obras, como as construções de elevados, pontes e abertura de vias. Neste momento a Zona Sul consolida-se como centro de entretenimento, desterritorializando o lazer do Centro do Recife.

O roteiro das experiências de entretenimento noturno do boêmio Artur de Carvalho durante a década de 1970 está representado no mapa 2. Podemos ver, ainda, a existência de lazer no Bairro do Recife, mas já é possível notar um movimento de atração do entretenimento noturno para a Zona Sul da cidade. A linha tracejada de azul corresponde ao percurso a pé realizado pelo transeunte, que começa no ponto amarelo e segue ligando os demais pontos azuis, o que mostra uma relativa segurança na prática do percurso.

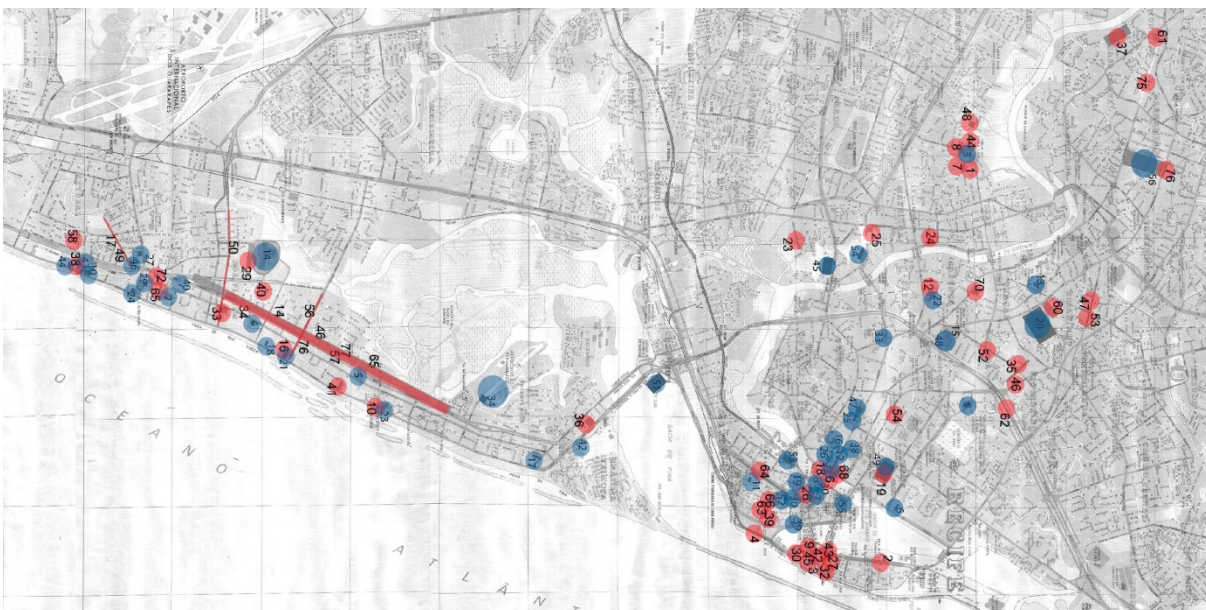


Mapa 02

FREIRE, Flávia (Bolsista PIBIC/UFPE/CNPq - id do projeto 11063401, LATTICE), FIDEM, 1965.

2. Mapeamento da Década de 1980

O mapa 3 de foi produzido a partir da Carta da Nucleação do Centro de 1987, cedido pela Empresa de Urbanização do Recife - URB. No mapa foram identificados 47 pontos de lazer noturno e 77 pontos de crimes.



Mapa 3

FREIRE, Flávia (Bolsista PIBIC/UFPE/CNPq - id do projeto 11063401, LATTICE), URB, 1965.

É possível perceber que outras territorialidades culturais vão surgindo nos bairros da Torre, Casa Amarela, Graça e Aflitos. Junto aos novos territórios do lazer, afloram pontos de

criminalidade, mais comuns no centro. O bairro de Boa Viagem se solidifica como uma área de entretenimento, aumentando também a incidência de crimes.

O mapa 4 revela o percurso de lazer noturno da boêmia Cida Pedrosa durante a década de 1980.



Mapa 4

FREIRE, Flávia (Bolsista PIBIC/UFPE/CNPq - id do projeto 11063401, LATTICE), URB, 1965.

O percurso de lazer de Cida Pedrosa era pequeno e se localizava no centro, nas proximidades da faculdade de direito, onde ela estudava. Há ao longo da década de 80, uma significativa queda dos percursos a pé, associada ao aumento dos crimes nestas localidades da cidade.

3. Mapeamento da Década de 1990

O mapa 5 foi produzido a partir do download da base de dados no site do Sistema de Informações Geográficas do Recife - ESIG.



Mapa 5

FREIRE, Flávia (Bolsista PIBIC/UFPE/CNPq - id do projeto 11063401, LATTICE), ESIG, 1965.

Na imagem acima identificam-se 39 pontos de lazer e 14 de crime. Consta-se o aumento dos pontos de lazer nos bairros da Zona Norte como as Graças, Espinheiro e um relativo retorno da diversão noturna nos Bairros do Recife e do Pina, ou seja, um processo reterritorialização das práticas culturais.

Em relação aos pontos de crime, observa-se o maior número no bairro de Boa Viagem, seguido pelos bairros da zona norte. Destes 7,14% de agressões, 50,5% de assaltos e 42,5% de assassinatos.

Considerações finais

A interpretação de alguns elementos da urbanidade, reunidos em mapas, mostra a dinâmica dos principais pontos de diversão, o que resultou na compreensão de dimensões importantes da urbanidade. A importância dessa reflexão se justifica na obtenção de uma base interpretativa para o planejamento de políticas que integrem as práticas e representações culturais das pessoas com a economia das cidades. De modo que os governos possam ter um mapeamento do comportamento humano, o que possibilita melhorar os resultados do mercado e do bem-estar geral da sociedade.

A urbanidade é uma noção histórica que traz implícito a mobilidade das pessoas na cidade através dos encontros, originando padrões de consumo mais voltados ao entretenimento. Tudo isso acontece em locais que exercem atração nas pessoas, independente de serem simples e informais ou sofisticados e formais. Nesse contexto de diversão, os indivíduos tendem a consumir e formar grupos duradouros que frequentam determinados locais, o que gera uma experiência urbana.

A experiência urbana é traduzida por práticas culturais relacionadas ao consumo e pelo local que proporciona a formação das rodas de conversa. Essas experiências são verdadeiras representações que as pessoas constroem de seu grupo e da localidade, o que conseqüentemente faz emergir territórios de vitalidade.

Os elementos mapeados podem servir como parâmetro para o planejamento urbano. Cada grupo desenvolve suas próprias práticas e representações culturais que resultam, principalmente, em seus padrões de consumo próprios. Por outro lado, as políticas públicas podem gerar impactos nos elementos da urbanidade num determinado período de tempo.

Em relação ao Recife foi percebido que com as novas territorialidades culturais nos bairros, os pontos de lazer, antes concentrados no centro da cidade deslocaram-se do centro para o subúrbio. A esse deslocamento corresponde uma mudança dos crimes do centro para o subúrbio, o que gerou um novo desenho das experiências urbanas do Recife. Contudo, por maior que sejam as modificações quanto a essas novas territorialidades, os bairros do centro – Boa Vista e Bairro do Recife, tendem a permanecer como um ponto atrativo para estabelecimentos de lazer.

A insegurança na cidade foi observada pela incidência das práticas do assalto e do assassinato com o passar do tempo, denotando novos padrões de criminalidade. Na década de 70, o crime era mais ligado às brigas e às discussões passionais, a agressão e o assassinato. Já na década de 80, as novas práticas de crimes estão quase que equiparada entre as agressões, assaltos e assassinatos. Na década de 90, as práticas dos assaltos assumem maior destaque nas notícias de jornais, juntamente com os assassinatos.

As mudanças nos padrões do crime acompanharam as transformações de comportamento no lazer noturno. Na década de 70 e 80, existiam percursos realizados por boêmios que faziam trajetos a pé entre os bares e as demais casas noturnas dos bairros.

A partir da década de 90 passa-se a utilizar pontos fixos e quando há uma rota a ser percorrida entre os pontos de lazer, o mesmo é feito através da utilização do automóvel, evitando-se os percursos a pé entre os bairros. Portanto, a mudança de comportamento noturno das pessoas se restringe em pontos fixos da cidade, esquecendo a prática de viver a cidade à medida que nela se deslocam através dos percursos. Assim, alguns trechos da cidade ficaram isolados, sem vida e os crimes ocuparam mais espaço e disseminam-se nos bairros.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles (1997). **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. São Paulo: Paz e Terra.
- BARROS, José D´Assunção (2004). **Campo da história, especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BORREGO, Maria Aparecida de Menezes (2004). **Códigos e Práticas: o processo de constituição urbana em Vila Rica colonial (1702-1748)**. São Paulo: Annablume, Fapesp.

- BUKER, Peter (2005). **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Zahar.
- CHARTIER, Roger (1990). **A história cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., DIFEL.
- DARNTON, Robert (1989). **A boemia literária e revolução, o submundo das letras no antigo regime**. São Paulo: Companhia das letras.
- DILLARD, Dudley (1989). **A Teoria Econômica de John Maynard Keynes**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. 6ª Edição.
- ELIAS, Norbert (1990). **O processo civilizador, Vol.1-2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FERNANDES, A. T. de C. (1997). **Memórias de ofícios: história dos artesãos em São Paulo**. São Paulo: Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- FERREIRA, Vera Rita de Mello (2008). **Psicologia econômica: como o comportamento econômico influencia nas nossas decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier.
- FONSECA, Maria Cecília Londres (2009). **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- FORTUNA, Carlos (1997). **Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia**. Oeiras, Portugal: Celta Editora.
- JAEGER, Werner (2003). **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes.
- LE GOFF, Jaques (2003). **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.
- MADUREIRA, Sevy (1996). **Bairro do Recife: a revitalização e o porto seguro da boemia**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, SEPLAN.
- MANKIW, N. Gregoy (2001). **Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia**. Rio de Janeiro: Campos.
- MATOS, Maria Izilda Santos de (2007). **A Cidade, à noite e o cronista**. São Paulo: EDUSC.
- MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo (2006). **O que é urbano no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar. 14p. (texto para discussão; 281).
- MOUTINHO, M. C. M.; Mateus Diogo; Primo Judite (Org.) (2007). **Desenho urbano, elementos de análise morfológica, v. 1. 128**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- NORA, P (1993). **Entre memória e história: a problemática dos lugares, n. 10, dezembro**. São Paulo: Tradução de Yara Aun Houry. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em história e do Departamento de História da PUC-SP (Projeto História: História e Cultura).
- OLIVEIRA, Nilza Aparecida de S (2006). **A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais, Volume 16, Jan. a jun**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Disponível em < <http://WWW.remea.furg.br/>>. acesso em: 06 Jun.2013.
- PECHMAN, R. M (2007). **Desconstruindo a cidade: cenários para a nova literatura urbana, n. 20-21, jan.-dez**. Rio de Janeiro: Revista Literatura e Experiência Urbana.

- PIGOU, A. C. (1944). **Teoria e Realidad Economica**. Mexico: Fondo de Cultura Economica.
- PINHO, Carlos Eduardo Romeiro (2000). **Esquina Lafayette: boemia, amores e lamentações na história recifense**. Recife: Tese (Dissertação) - Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.
- PINTO, Susana Helena Dias (2012). **Economia Noturna e as Dinâmicas Recentes no Centro Histórico da Cidade do Porto**. Porto: Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão das Cidades, Faculdade de Economia, Universidade do Porto, FEP.
- SILVA, S. José da. (2009). **Cinema, bares e boates: a construção do gay e de novas sociabilidades entre homens que desejam outros homens no Recife dos anos 70**. Fortaleza: Artigo publicado na revista do XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH.
- SOUZA, José Moreira de (1993). **Cidade, momentos e processos: Serro e Diamantina na formação do Norte mineiro no século XIX**. São Paulo: ANPOCS/Marco Zero.
- THOMPSON, Edward P. (1991). **The making of the english working class**. Toronto: Penguin Books.

Fontes Primárias Impressas e Digitalizadas

- 1) Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano (APEJE):
 - Diário da Noite, n.04, Quinta Feira, 1 de janeiro de 1970
 - Diário de Pernambuco, Sexta Feira, 9 de janeiro de 1970
 - Diário de Pernambuco, Sexta Feira, 24 de abril de 1970.
 - DOPS – Departamento de Polícia Social: Ficha policial do Clube Carnavalesco Mixto Cabeças Brancas dos Remédios, Recife, 1967.
- 2) Arquivo da Casa do Carnaval, Pátio de São Pedro, Recife:
 - Diário de Pernambuco, Primeiro Caderno, Domingo, 18 de janeiro de 1970.
- 3) Letras de Música
 - GONZAGA do Nascimento, Luz (1981). A cidade contra o crime. Disponível <http://www.gonzaquinha.com.br>, acesso em: 06 Jun.2013.
 - NOGUEIRA, João & TAPAJÓS, Maurício (1979). Dama da Noite. Disponível em: <http://www.cifraclub.com.br/joao-nogueira/dama-da-noite/>, acesso em: 06 Jun.2013.

Iconografia

Mapa do Recife de 1965 (FIDEM).

Mapa do Recife da década de 1980 (URB).

Mapa do Recife da década de 1990, disponível: <http://www.recife.pe.gov.br/ESIG/> Acessado em junho de 2013 (ESIG).